

Desejos e práticas femininas em Teresina no limiar dos anos dourados

Carla Daniela Alves Rodrigues¹
Francisco Almeida da Cunha²

Resumo: O presente trabalho consistiu em conhecer os desejos e as práticas femininas em Teresina na década de 1950, período conhecido como “Anos Dourados”. Teresina, nesse período, se encontrava marcada por ambiguidades. De um lado, continuava nítida a divisão social dos papéis de gêneros que reservava à mulher os papéis de esposa, mãe e dona de casa e ao homem o papel de pai e provedor material. Do outro lado, a intensificação da urbanização, a ascensão dos segmentos médios e outras transformações na sociedade que conduziam ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Diante desse contexto, o estudo teve como objetivo destacar novas condutas femininas na sociedade e os diferentes discursos que foram proferidos. A metodologia utilizada constou de pesquisa bibliográfica e jornais locais que circulavam na época. A pesquisa e a análise dos documentos permitiram concluir que as mulheres, no decorrer dos anos cinquenta, foram ocupando cada vez mais o espaço público e delineando outros comportamentos. O feminino era assim definido ora pelos papéis tradicionais da mulher de esposa, mãe e dona de casa, ora pelas novas possibilidades de vivenciar o cotidiano.

Palavras – Chave: Mulher; Desejos; Práticas; Teresina; Anos Dourados.

Abstract: This work is to understand the wishes and female practices in Teresina in the 1950s, the period known as "Golden Years". Teresina, in this period, was marked by ambiguity. On the one hand, continued sharp social division of roles of genres reserved women the roles of wife, mother and homemaker and man's father paper and media provider. On the other hand, the intensification of urbanization, the rise of the middle segments and other changes in society leading to increased educational and professional opportunities for men and women. In this context, the study aimed to highlight new female behaviors in society and the different speeches that were delivered. The methodology used consisted of bibliographical research and local newspapers that circulated at the time. The research and analysis of documents showed that women, during the fifties, were increasingly occupying public space and outlining other behaviors. The female was thus defined either by the traditional roles of wife wife, mother and housewife, now in the new possibilities of experiencing the everyday.

Keywords: Woman; Wishes.Practices; Teresina; Gold years

Wishes and women practices in Teresina of goldens years

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora substituta da Universidade Estadual do Piauí - UESPI e do Colégio Técnico de Teresina – UFPI. Professora da Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP. E-mail: dannyellyrodrigues@hotmail.com

² Graduado em História e Especialista em Metodologia da Pesquisa e do Ensino de História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Graduando em Direito pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. E-mail: almendrarra@hotmail.com

As transformações sociais e econômicas experienciadas ao longo do século XX, mas, sobretudo a partir do pós-Segunda Guerra, tiveram um papel importante na configuração dos novos perfis femininos na sociedade. Quanto aos anos 1950 nos informa Matos (2005, p.101) que “[...] ainda se encontravam marcados pela presença de ‘elementos tradicionais’, mas então já começariam a ser gestados outros perfis, novas relações entre os gêneros, com a quebra de certos tabus e o questionamento de certas atitudes e relações”.

Os anos 1950 caracterizavam-se por suas ambiguidades. Se por um lado ainda estavam marcados pela naturalização dos papéis de gênero que reservava a mulher a maternidade e a casa e ao homem o papel de provedor familiar, por outro já mostravam um cenário de alterações “[...] como o aumento crescente da presença feminina no mercado de trabalho e certa liberalização das manifestações de seus desejos e expectativas”(MATOS, 2005, p.101).

Entende-se, contudo, que em um contexto como esse, pleno de ambiguidades, uma maior participação feminina no mercado de trabalho e a emergência de novos valores e atitudes não aconteceriam sem um quadro de tensões, como pode ser verificado na sociedade teresinense.

Diante desse contexto, os discursos na imprensa são ambivalentes. De um lado, os discursos de reafirmação dos papéis tradicionais femininos de esposa, mãe e dona-de-casa; do outro lado, os discursos que davam visibilidade e que valorizavam o trabalho feminino.

Na imprensa, não raro, publicavam-se textos dedicados a falar sobre a brilhante trajetória profissional de jovens piauienses. Ativa, alta, conceituada, dedicada, inteligente, eficiente e competente eram alguns dos adjetivos que acompanhavam o nome de mulheres que exerciam uma atividade remunerada no mercado de trabalho teresinense. Como mostra a nota abaixo:

Transcorre a 30 do corrente a data natalícia da gentil senhorita Maria Íris Soares da Fonseca competente funcionária do Departamento Estadual da fazenda e elemento de realce nos meios sociais desta capital (SENHORITA MARIA IRIS. *Jornal do Comércio*, Teresina, 27 set. 1953, p. 2).

Transcorreu no dia 18 do corrente o aniversário natalício da srta. Dulcinéa Rodrigues de Araújo, alta funcionária do IAPC e jornalista, residente nesta capital e ainda vereadora eleita no último pleito, pelo município de Itainópolis deste Estado (ANIVERSÁRIO. *Jornal do Piauí*, Teresina, 20 nov. 1958, p. 2).

Notas como essas, em que é destacada a presença da mulher no mercado de trabalho ganhavam espaços nos jornais, ao lado de outras notas que, por sua vez, tentavam reafirmar uma norma frente às mudanças que começavam a ser gestadas no comportamento feminino.

Os modelos femininos delineados na imprensa indicavam os lugares das mulheres no mundo moderno. Os discursos veiculados nos jornais se reportavam ao casamento e a maternidade como elementos constituidores da mulher, ao mesmo tempo em que havia discursos que destacavam o seu papel no mundo do trabalho. O feminino era assim definido ora pelos papéis tradicionais da mulher de esposa, mãe e dona-de-casa, ora por suas novas atribuições na sociedade, na qual estava incluído o exercício de uma atividade remunerada.

Em se tratando da mulher na sociedade não podemos pensar em um único perfil, mas em uma multiplicidade de perfis femininos num mesmo espaço de tempo e lugar. Da mesma forma, que não havia apenas um discurso, mas uma variedade de discursos, que se utilizavam tanto da imprensa como de outros meios para definir os vários perfis femininos existentes à época.

As mulheres nos anos 1950 iam além do modelo normativo de esposa, mãe e dona-de-casa. Apesar de ser ainda um modelo amplamente aceito, existiam outros paralelos a esse. O trabalho remunerado, por exemplo, vinha gradativamente fazendo parte dos projetos de muitas mulheres que viviam em Teresina. Fato que despertou a reação entre aqueles que prescreviam o lar como o único espaço de realização da mulher.

Além do trabalho feminino, outras questões envolvendo os desejos e as práticas femininas na década de 1950 foram problematizadas na imprensa, como o namoro e a moda. Valores já enraizados na sociedade passavam a ser questionados pelas mulheres com suas novas condutas. Outros modelos de mulher transitavam pelos espaços de Teresina paralelo a um modelo tradicional, que resistia às transformações.

As mulheres que ousavam transgredir as normas sociais de seu tempo e que assumiam um comportamento social diferente do tradicional, encontraram resistência para as suas novas condutas, constituindo elas o principal alvo de críticas da Igreja Católica. A nota publicada no jornal *O Dominical* é esclarecedora do pensamento católico e do inconformismo com o novo comportamento feminino:

Antigas

- Amam a Igreja, a família, o trabalho.
- Têm a máxima confiança na mãe e para ela não tem segredos.
- Vestem com propriedade, evitando os trajes decotados e o luxo superior à própria condição.
- Não dão confiança a moços e com eles esquivam qualquer familiaridade.
- Desejam o matrimônio para formar uma família sua, mas pedem a Deus que lhes faça encontrar um esposo cristão e virtuoso, pois estão convencidas que é melhor ficar sós que mal acompanhadas.

- Sabem pensar muito e falam pouco.
- Consideram a pureza do coração e do corpo como a pérola mais preciosa, o tesouro inestimável que não se deve vender por preço algum.

Modernas

- Amam os bailes, os divertimentos e... a liberdade.
- Consideram a mãe como uma estranha, uma mulher do tempo antigo e lhe desobedecem em tudo.
- São escravas da moda, para servir a qual não têm limites de pudor e de economia.
- Dão confiança a qualquer moço que se lhes apresente.
- Pensam no matrimônio como numa miragem de felicidade... bem longe de abraça-lo como uma missão de amor e, por conseguinte, de sacrifício.
- Em suas conversas intermináveis não transparece um pensamento sério ou um bom sentimento.
- Querem masculinizar-se até tornarem-se ridículas e desagradáveis. Passam as horas livres ao espelho ou lendo romances levianos e expõem-se levemente a todos os perigos (FILHAS. *O Dominical*, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3).

A Igreja Católica apropriou-se dos veículos de comunicação para combater o modelo de mulher moderna. Para os católicos, as mulheres deviam seguir o modelo antigo, dedicando o seu tempo à religião e a família, funções que Deus havia destinado à mulher. Por outro lado, esse segmento conservador criticava ferrenhamente o modelo de mulher moderna, argumentando que as mulheres estavam masculinizando-se. Isso demonstra que os católicos demarcavam os espaços femininos e masculinos, tendo como referência as características biológicas, e as mulheres ao invadirem esses espaços ditos masculinos corriam o risco de masculinizar-se, ou seja, o aspecto biológico foi utilizado para determinar o comportamento de homens e mulheres na sociedade, quando na realidade o comportamento é um aspecto cultural e não biológico.

No entanto, a mulher moderna era um retrato do comportamento de grande parte das teresinenses. Com esse paralelo entre mulheres antigas e modernas fica evidente que os preceitos católicos não eram o suficiente para direcionar o comportamento feminino. Os tempos eram outros, novas oportunidades surgiam para o ingresso da mulher no mercado de trabalho, ampliando a sua participação no espaço público. A cidade crescia e modernizava-se, os espaços de lazer, mesmo tradicionais, incorporavam novidades convidando as jovens a se fazerem presentes nas diversões e, tudo isso, fez com que a mulher fosse assumindo uma outra conduta.

A nota publicada pelo jornal *O Dominical*, deixa claro, que os bailes, os divertimentos e a liberdade eram, para as jovens modernas, os novos anseios. Embora, as formas de lazer e sociabilidade não tenham sofrido tantas mudanças comparadas as do início do século, as

mulheres foram, ao longo dos anos, mudando suas práticas, influenciadas em grande parte pelo contexto nacional, local e acompanhadas dos papéis que assumiam na sociedade. As mulheres no contexto da década de 1950 reapropriaram os espaços da cidade com novas formas de flertar, de vivenciar as amizades e de se divertirem.

O namoro, visto como a primeira etapa para o casamento, sofria nos anos cinquenta algumas transformações, começando pela liberdade que os casais tinham para namorar, é claro que com algumas limitações para a época. As jovens, salvo alguns casos, já não viviam com a eterna vigilância dos pais, alguns tabus continuavam inalteráveis como a virgindade, mas cabia agora às mulheres a auto-vigilância. Os pais educavam as suas filhas para o casamento, portanto, as moças na ausência do pai ou de um irmão mais velho, deveriam saber se comportar, logo uma jovem difamada corria sérios riscos de não se casar, o que não ficava bem numa sociedade que concebia o casamento como a realização feminina. As mulheres continuavam sendo classificadas como “moças de família” versus “moças faladas” e, para não pertencerem a essa última classe, elas deveriam seguir as normas sociais, o que nem sempre ocorria, algumas moças desprezavam as normas aventurando-se em namoros considerados escandalosos para a época e por isso mesmo, tais comportamentos terminavam nas páginas de jornais como exemplos a serem rejeitados por outras jovens.

Em Teresina, o namoro foi assunto para crônicas. Os jornalistas se reportavam aos primeiros namoros das adolescentes, recomendando que estas encarassem seus primeiros namorados como companheiros de festas, reuniões, jogos, passeios, deixando que o romantismo amadurecesse no devido tempo. A preocupação estava nas influências que os primeiros namoros poderiam exercer sobre a conduta das adolescentes. Movidos por essa questão, os jornalistas buscavam, com as crônicas, alertar as jovens das possíveis decepções e das consequências decorrentes de decisões precipitadas ou de um romantismo exagerado, pedindo também aos pais que orientassem suas filhas para que a adolescência, fase das descobertas da paixão, do amor e do corpo, passasse sem maiores problemas.

Os primeiros namoros podem influir decisivamente na futura conduta da adolescente.

Faz-se mister, pois uma orientação sábia por parte dos pais da jovem, no sentido de que se evitem as consequências desastrosas de possíveis decepções.

A mulher jovem ao iniciar-se na vida do mundo, propriamente dita, deve estar precavida sobre o que são os homens, principalmente as ‘reações’ destes, sob determinadas circunstâncias. Sem essa preocupação psicológica,

qualquer experiência na esfera do amor está fadada a um retumbante fracasso, com raras e fortuitas exceções.

[...]

Necessário se torna que as jovens ao atingirem a chamada 'idade perigosa', saibam manter-se alertas contra as incursões perigosas de um romantismo exagerado, que lhes poderá roubar a espontaneidade de viver e a alegria sadia própria da mocidade.

Podemos ainda acrescentar sem contudo cairmos na filosofia determinista, que todas as coisas da vida acontecem na sua ocasião oportuna, motivadas por condições peculiares a cada pessoa. Portanto, não seria justo dissiparmos o tempo reservado aos folguedos da juventude, antecipando acontecimentos que somente poderão dar frutos prematuros (OS PRIMEIROS NAMOROS. *O Dia*, Teresina, 27 maio 1951, p. 2.)

O romantismo nos primeiros relacionamentos preocupava os pais e a sociedade. Segundo os jornalistas, as jovens não conhecendo os homens e envolvidas por um romantismo exagerado e pela falta de maturidade, terminariam concedendo ao namorado certas intimidades, chegando até mesmo a manter relações sexuais, lembrando que da mulher esperava-se o recato e que casasse virgem. Além de ir contra as convenções sociais, uma gravidez indesejada acarretaria muitas mudanças na vida de uma adolescente, deixando ela de viver essa fase para assumir responsabilidades que poderiam ser esperadas para quando estivessem adultas e casadas. Outra preocupação do romantismo nos primeiros relacionamentos era a tomada de decisões precipitadas como um casamento ou uma preferência exclusivista que a afastaria dos amigos, das festas e reuniões com outras pessoas. Portanto, para não antecipar as responsabilidades, viver de acordo com as regras sociais e saber aproveitar o que a adolescência oferecia, os jornalistas aconselhavam as jovens a conceberem seus primeiros namorados apenas como companheiros de diversões, nada de fantasiar com esse momento, pois as decepções amorosas poderiam influenciar no futuro das adolescentes.

O namoro nos anos cinquenta era cercado de regras. O rapaz devia escolher uma moça de família que fosse recatada e prendada, prova de que seria uma boa esposa, mãe e dona-de-casa. Da mesma forma, cabia a moça escolher um rapaz honesto e trabalhador, garantia de que também seria um bom esposo e pai. Algumas regras mínimas para os encontros eram bem conhecidas como:

[...] o rapaz deve buscar a moça em casa e depois trazê-la de volta – mas, se ela morar sozinha, ele não poderá entrar -; o homem paga a conta; *moças de família* não abusam de bebidas alcoólicas e de preferência não bebem; conversas ou piadas picantes são impróprias; os avanços masculinos, abraços

e beijos devem ser cordial e firmemente evitados; a moça deve *impor respeito*.

Não importavam os desejos femininos ou a vontade de agir espontaneamente, o que contava eram as aparências e as regras, pois – aconselhavam-se às moças – ‘mesmo se ele se divertir, não gostará que você fuja aos padrões, julgará você leviana e fará fofocas a seu respeito na roda de amigos. As garotas que ‘permitem liberdades que jamais deveriam ser consentidas por alguém que se preze em sua dignidade’, acabam sendo dispensadas e esquecidas, pois o ‘rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas’ (BASSANEZI, 2008, p. 615).

Durante o noivado, etapa que antecedia ao casamento, continuava a ser exigido dos rapazes e, principalmente, das moças, o cumprimento dessas regras. Nessa etapa, os cuidados com a preservação da honra feminina deviam ser redobrados, pois o casal sabendo da proximidade do casamento poderia tentar avançar nas intimidades. Nesse caso, cabia à moça conter os investimentos do noivo, impedindo certas familiaridades, leia-se: relações sexuais, isso porque segundo a norma, a mulher devia casar virgem. Lembrava Pe. Guilherme Vaessem em nota publicada no jornal *O Dominical*:

É preciso passar honestamente o tempo do noivado. É uma época perigosíssima. Não há mais temor de Deus. Outrora havia uma coisa bela e encantadora, chamada pudor. Certas modas e danças, acabaram com esta virtude. Quantas moças trazem, no dia do casamento, debaixo do véu branco, símbolo de pureza, um coração culpado, um corpo maculado. Parece que hoje as liberdades mais criminosas são permitidas entre os noivos pelo fato de serem noivos. Infelizes! Como hão de pagar caro o prazer proibido! Quanto mais ofenderem a Deus antes do casamento, mais infelizes serão depois.

Que os noivos evitem tudo quanto pode ofender a Deus, as entrevistas em horas e lugares indébitos, as liberdades. Procurem na oração e na frequência dos sacramentos a força para vencer as inúmeras tentações de que o noivado pode ser ocasião (AOS NOIVOS. *O Dominical*, Teresina, ano 1, n. 36, 30 dez. 1951, p. 3)

Tantas regras e advertências não foram suficientes para impedir que algumas mulheres burlassem as normas estabelecidas para o namoro e noivado. *O Dominical*, jornal de cunho religioso, retratava em artigos a prática do namoro, fazendo referências em tom crítico aos casais que mais do que nunca preferiam namorar no escuro dos cinemas, nas estradas altas horas da noite, nas ruas, nas praças e em becos escuros. As pessoas ligadas ao pensamento conservador, que esperavam da mulher toda a dedicação para o matrimônio resguardando qualquer intimidade com o namorado ou pretendente, ao presenciarem a nova cultura do

namoro, apontavam os pais como os responsáveis pelo descuido com as filhas, por permitirem que andassem com os namorados pelas ruas altas horas da noite às escuras. (É PECADO NAMORAR? *O Dominical*, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3).

O comportamento social é gerado durante anos e por isso, os valores disseminados em uma sociedade não desaparecem em um curto espaço de tempo. Thales de Azevedo (1986), estudioso da prática do namoro, afirma que até a década de 1970 o namoro em praças públicas sofria repressão tanto da imprensa como da polícia. Segundo o autor, em 1975, um delegado de polícia decretava em Teresina *operação contra namoros indecorosos*, considerando em suas disposições o beijo e o abraço prolongado em praça pública ou dentro de automóvel como excesso de amor, devendo esse comportamento ser controlado. A operação deliberada pelo delegado de Teresina estava em conformidade com o de Ibirá, no interior de São Paulo, que estabelecia o horário-limite de 22:00 horas para o namoro em praças públicas. Os costumes foram controlados pela delegacia à medida que os anos passavam e o namoro evoluía. Thales de Azevedo destaca a urbanização e a industrialização como fatores preponderantes das alterações nos costumes do namoro e do casamento.

O namoro nos cines, bailes, avenidas, praças e ruas escuras eram vistos pelos mais conservadores como uma escola de divórcio, um mal social responsável por uniões precipitadas e futuras separações (ESCOLA DE DIVÓRCIOS. *O Dominical*, Teresina, 30 jan. 1955, p. 2.) As moças com toda essa liberdade para namorar acabariam se apaixonando pelo primeiro namorado e casando sem ao menos conhecê-lo como deveria e esses casamentos mal preparados é que dariam origem as separações, pois só depois do matrimônio os casais tinham a oportunidade de se conhecerem melhor, o que algumas vezes acontecia sob o prisma de conflitos entre os casais, sendo em grande parte a última saída o divórcio.

A preocupação com os namoros modernos e os casamentos precipitados estava vinculada às discussões que ocorriam em torno do divórcio. A imprensa foi nos anos cinquenta palco do acirrado debate sobre o tema. Para os católicos conservadores, defensores da indissolubilidade do matrimônio, as mulheres seriam as mais prejudicadas com o divórcio. Segundo eles, a mulher se engrandecia no casamento indissolúvel como esposa, mãe e rainha do lar, aquela que reinaria absolutamente em casa, ao contrário do divórcio que degradaria a mulher, deixando-a sem o respeito de esposa, sem um lar digno de sua presença e sem a consideração da sociedade. Divorciada, a mulher, ficaria exposta a perigos sem a proteção do esposo, o amparo da família, a defesa do lar e a resistência moral que a condição de casada lhe dava (O DIVÓRCIO E A MULHER. *O Dominical*, Teresina, 13 mar. 1955, p. 3.) Além

disso, os conservadores argumentavam ser a indissolubilidade do matrimônio à garantia de uma família feliz e de uma boa formação dos filhos e que com esse propósito haveria uma maior tolerância dos casais quanto aos seus defeitos, evitando ainda que os filhos fossem criados pelas madrastas e por padrastos(O DIVÓRCIO E A ASSEMBLEIA. *O Dominical*, Teresina, ano 15, n. 36, 9 set. 1951, p. 1.). Afirmava o Deputado Arruda Câmara ao jornal *O Dominical*:

O divórcio degrada a mulher. De rainha do lar, com situação segura no casamento indissolúvel ela passa, no regime do casamento temporário à categoria de mercadoria que se aluga enquanto bem servir, enquanto não ficar feia, velha ou doente. Enquanto não aparecer ao marido uma paixão nova e sedutora[...]

[...]

[Além disso], o divórcio repercute nos filhos, perturba lhes o equilíbrio psíquico, abandona-os e os predispõe à revolta ao crime e a perdição [...](O DEPUTADO ARRUDA CÂMARA ENUMERA AS RAZÕES PELAS QUAIS COMBATE O DIVÓRCIO. *O Dominical*, Teresina, 5 jul. 1960, p. 1.)

Já os divorcistas não viam a mulher como um ser submisso que dependia exclusivamente da figura masculina para viver, pelo contrário, eles combatiam a imagem de mulher frágil, criada pelo romantismo, a qual esta sofria por um grande amor e era acima de tudo, ingênua e delicada. De acordo com os divorcistas, esse modelo de mulher não se sustentava mais na década de 1950, como fica expresso no seguinte artigo:

Quem vê passar o jovem (ou a jovem) moderno, guiando jovialmente o seu automóvel de cores claras e risonhas, dirá à primeira vista que os curiosos personagens do romantismo já não existem.

De fato, não se encontra mais a 'heroína' ingênua e frágil, figura-tipo que o romantismo criou, mimo de delicadeza de alma, que suspira por alguém que a ampare e a quem se possa devotar; ou a 'rainha', centralizadora de todas as atenções, mas trespassada por profunda dor que só um grande afeto poderia aliviar.

[...]

Hoje, ele é um jovem desportista, alegre, de senso prático, disposto a vencer na vida. Ela é empreendedora, desembaraçada, utilitária, algumas vezes picante; sente-se bem e quer aproveitar a vida. Que neles encontramos do jovem sonhador ou da dama lacrimejante que comoviam nossos avós? (DIVÓRCIO E ROMANTISMO. *O Dia*, Teresina, 4 mar. 1956, p. 3).

Os divorcistas, ao defenderem o divórcio como solução para os lares infelizes, desmistificavam o modelo de mulher frágil construído pela sociedade. Os divorcistas falavam

de uma mulher moderna, empreendedora, que trabalha e sabe aproveitar a vida, audaciosa, que vai buscar em outro casamento a felicidade que o primeiro não lhe proporcionou. O comportamento tanto das mulheres como dos homens havia mudado, o contexto era outro e por isso fazia-se necessário pensar na possibilidade de um divórcio quando em uma relação prevaleciam os conflitos.

As discussões em torno do divórcio envolviam de um lado as pessoas ligadas a ala conservadora da Igreja Católica e do outro lado os divorcistas compostos por professores, vereadores, deputados, senadores e outras pessoas que analisavam a sociedade pelo viés da modernidade. Nessas discussões, percebe-se que os conservadores procuravam restabelecer o modelo feminino tradicional de esposa que vive para o marido, para os filhos, para o lar e que encontra a felicidade no casamento indissolúvel e os divorcistas, em reafirmar o modelo de mulher independente, com desejos próprios, que trabalhava e tinha a capacidade de manter-se na ausência de um homem ou mesmo de ir em busca de um novo relacionamento.

Para além das questões afetivas, a moda foi uma outra questão problematizada pelos católicos que atraía principalmente o público feminino. As saias longas e os vestidos compridos e com mangas, que outrora eram as principais vestimentas das mulheres foram sendo substituídas por calças compridas, saias curtas, blusas justas, vestidos curtos, transparentes e decotados que modelavam o corpo feminino. As modas chegavam até as mulheres pelo cinema, revistas, colunas de jornais e por meio dos desfiles realizados pelas fábricas nos mais ilustres clubes de Teresina. O próprio fato da mulher está trabalhando constituía um fator importante para a mudança no vestuário feminino. A mulher, ao ingressar no mercado de trabalho, necessitou trocar as saias e os vestidos longos por roupas que lhe dessem mais agilidade e praticidade nas suas novas atribuições. A Igreja, por sua vez, mostrava-se contrária ao acompanhamento dos ditames da moda, fixando cartazes, avisando e pedindo encarecidamente que senhoras e senhoritas mantivessem a modéstia e a distinção quanto aos trajes na casa do Senhor (MODAS PAGÃS DOS NOSSOS DIAS. *O Dominical*, Teresina, 20 mar. 1955, p. 3).

Diante de tamanha imprudência e degradação, nós que fomos postos como guardas da casa do Senhor, não podemos ficar indiferentes e cercar os lábios ao abuso sempre crescente das modas indecorosas, com que de frequência, a grande maioria das senhoras e senhoritas, que se dizem católicas, ousam apresentar-se no templo do Senhor, tomando parte do culto divino e até na recepção dos sacramentos [...] (DOCUMENTO PRECIOSO SOBRE AS MODAS FEMININAS. *O Dominical*, Teresina, ano 20, n. 36, 1 jan. 1956, p.1.)

Os vestidos compridos com mangas e o tradicional véu sobre a cabeça que acompanhava as mulheres católicas na missa foram perdendo espaço para os trajes da moda. A Igreja Católica buscou conscientizar as mulheres por meio de cartazes, artigos na imprensa, sermões durante a missa e de outras formas, da importância de estar bem vestida em toda parte, sobretudo na casa do Senhor. Mas, se não fosse em todos os lugares que respeitassem pelo menos a Igreja, trajando roupas que cobrissem todo o seu corpo.

Para os católicos mais fervorosos, as mulheres ao seguirem os ditames da moda colocariam em evidência a sensualidade do seu corpo, causando tentações nos homens, sendo alvo de olhares maliciosos, além de estarem mais vulneráveis a serem confundidas com as mulheres de “vida fácil”, isso porque até os anos cinquenta a Igreja via os trajes femininos como elemento que diferenciava as moças de família das mulheres de reputação duvidosa (RESPONSABILIDADE MORAL DA MULHER CRISTÃ. *O Dominical*, Teresina, 4 dez. 1955, p. 2)

O público feminino ficou dividido entre seguir os preceitos católicos, abdicando do novo vestuário e em acompanhar as novas tendências da moda. A aversão à moda feminina não foi uma peculiaridade da Igreja Católica de Teresina ou do Brasil. Michela de Giorgio (1994) ao analisar o processo de feminilização da Igreja Católica fala da reação da Instituição aos ditames da moda, por impor o culto da modernidade e da iniciativa das organizações católicas femininas ao lançarem no pós-guerra as *cruzadas contra a moda indecente e concursos em favor de uma moda correta*, difundidas em toda a Europa com o objetivo de mobilizar as mulheres em favor dos vestidos, saias compridas e de outros trajes femininos condizentes com os preceitos católicos.

Em Teresina, algumas mulheres, em virtude da educação religiosa, de pais severos e por temerem aos sermões dos padres, terminavam contentando-se com os modelos de roupas prescritos pela Igreja Católica. Outras jovens mais ousadas, encantadas com a moda feminina, com os novos padrões de beleza, sempre encontravam uma maneira de burlar as regras da Igreja. Nas Missas era comum, as moças levarem dobradas debaixo do braço mantilhas para vestirem somente no momento de receberem os sacramentos da confissão, da comunhão ou quando fossem servir como madrinhas, assim, as moças poderiam andar de acordo com a moda e ainda participar das missas (MODAS PAGÃS DOS NOSSOS DIAS. *O Dominical*, Teresina, 20. mar. 1955, p. 3). Para os padres e outros dirigentes da Igreja Católica, esse comportamento, não passava despercebido e, por isso, as que agiam dessa forma eram repreendidas. Logo as pessoas ligadas ao pensamento conservador reprovavam o uso de

vertidos curtos e transparentes, decotados e sem mangas, tanto na Igreja como, nos ambientes de trabalho e de diversão, ou seja, as mulheres católicas deveriam vestir-se com pudor e recato em todos os lugares.

A campanha liderada pela Igreja Católica em reação as modas, apesar do grande vulto que teve na imprensa e entre as classes sociais, não foi suficiente para abrandar a onda avassaladora que era a moda feminina. Os modelos de roupas trazidos pelo cinema, pelas revistas, pareciam sobrepor os conceitos religiosos, a moda tornou-se regra e estar fora dela poderia significar a exclusão de um grupo de amigas ou não conseguir chamar a atenção de um pretendente. As roupas delineavam o corpo feminino, constituindo em um importante recurso usado para conquistar um rapaz.

A moda mexia com a vaidade feminina, com a autoestima, os trajés tinham ainda papel de destaque quando o assunto era sensualidade, algumas roupas foram, por esse motivo, reprovadas pelos conservadores por serem sensuais, como o uso de vestidos decotados. Além das roupas, os cremes e a maquiagem, comumente eram usados para deixar mais bela à mulher.

A moda que não deixava de ser um complemento da beleza e elegância da mulher, conquistava a cada dia novas seguidoras. Seguir os ditames da moda era mostrar-se vaidosa, moderna e em algumas situações uma exigência da sociedade. Nos anúncios de empregos, especialmente para a mulher, exigia como um dos pré-requisitos para a admissão da candidata, que esta tivesse uma boa aparência e aqui incluía um rosto bonito, um corpo belo, bem como um vestuário adequado e o uso de acessório que realçasse a sua beleza.

Em razão da representatividade que começava a ter o vestuário na vida da mulher, o colunista social, Edmundo Galvão, anunciava pela primeira vez em 1955 a lista das dez mulheres mais elegantes, destacando os trajés femininos. Os critérios para a seleção incluíam as roupas, o modo de vestir, o trajar com elegância, a maneira de se comportar nas reuniões sociais e, principalmente, que estivessem em conformidade com a moda. A lista ia além de uma seleção local, entre as mulheres mais elegantes, sairia a representante piauiense a concorrer na lista das dez mais elegantes do norte e nordeste (AS DEZ MAIS ELEGANTES DO PIAUÍ EM 1956. *Jornal do Piauí*, Teresina, 6 dez. 1956, p. 5). Esse evento que veio a se repetir nos anos seguintes, estava direcionado às mulheres de classe média e alta, uma vez que eram elas que tinham condições financeiras para comprar tecidos de qualidade, pagar as melhores costureiras e comprar, em outros Estados e até fora do país roupas elegantes, fora a educação que contava na hora da seleção.

Miss Elegante, Miss Brotinho, Miss Piauí, Miss Colégio Estadual, Miss Secretária, Miss Comerciária, Rainha dos Calouros, Rainha da Graça, Rainha da Imprensa e Rainha do Centenário (concurso este ocorrido em 1952 e que marcou o transcurso das festividades comemorativas do primeiro centenário da capital), são alguns dos títulos que celebravam a beleza e a elegância feminina. Dentre as várias candidatas aos diferentes títulos de beleza, o que constatamos foi uma sensível mudança de comportamentos. Na imprensa, as candidatas eram apresentadas não como moças prendadas e abnegadas, mas como estudantes, profissionais e esses novos papéis das mulheres simbolizavam as transformações nos padrões sociais da época. O concurso para a escolha de Miss Piauí era o que ganhava mais destaque na imprensa, por envolver todo o Estado, disputando o título as representantes de cada cidade piauiense, sendo um concurso de nível local e nacional, já que a escolhida como Miss Piauí concorreria em uma outra etapa para a escolha de Miss Brasil. As fotos abaixo ilustram, respectivamente, uma cena comum no concurso para escolha de Miss Piauí, que era o desfile das candidatas com diferentes trajés e a Miss Piauí 1956, Teresinha Alcântara, candidata apresentada pelo diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, com o apoio do Clube dos Diários.



Foto 1: MISS PIAUÍ. *Jornal do Piauí*, Teresina, 3 jun. 1956, p. 8. Teresina, 24 maio 1956, p. 4.
Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí



Foto 2: ELEITA MISS PIAUÍ. *Jornal do Piauí*,

Fonte: Casa Anísio Brito - Arquivo Público do Piauí

As fotografias acima são mais que meras ilustrações ao texto, elas ajudam a compreender a realidade vivida pelas jovens que se candidatavam ao posto de princesa, miss e rainha de instituições, cidades ou datas comemorativas. Nesse sentido, concordamos com Boris Kossoy (2001) que afirma ser a fotografia um resíduo do passado, na qual reúne uma série de informações acerca da realidade registrada fotograficamente. Porém, o autor ressalta que as fotografias na condição de fontes históricas estão sujeitas às intencionalidades de quem fotografa e de quem analisa a imagem, restando ao pesquisador fazer as perguntas necessárias a este tipo de fonte e, principalmente, transportar-se para o momento histórico da fotografia, fazendo-lhe a interpretação adequada.

Os concursos de beleza imperavam em Teresina, dependendo da dimensão dos eventos, dava-se início a uma acalorada campanha para a escolha de princesas, misses, rainhas e nesses concursos, os jornais assumiam o papel de divulgadores das candidatas preferidas aos títulos. Esse tipo de acontecimento tirava da rotina muitas mulheres, pois era um momento de expectativa para aquelas que se candidatavam ou para as que torciam por uma amiga ou irmã.

A primeira fotografia aqui exposta é um retrato do entusiasmo das jovens candidatas ao título de Miss Piauí 1956. A seleção contava com um grande número de mulheres, visto que havia representantes de todas as cidades do Piauí. A forma como as mulheres estão dispostas na foto, todas enfileiradas, evidencia a organização do evento e também destaca uma das finalidades do concurso que era expor a beleza feminina visando a escolha de uma representante do Estado. Os trajes usados nos desfiles variavam desde o traje de gala aos sensuais maiôs, alguns trajes como os das jovens da foto, caracterizavam pela sua sensualidade e por valorizar as curvas das candidatas, o que talvez fosse um empecilho para algumas jovens participarem dos concursos, na medida em que os pais mais conservadores poderiam ser intransigentes, não permitindo que suas filhas expusessem seu corpo a um grupo de jurados e aos olhares de curiosos. A segunda fotografia mostra a grande vencedora do concurso, aquela que seria recepcionada pela alta sociedade e o alvo da imprensa. Além da fama, a eleita constantemente era convidada a frequentar os eventos sociais, as festas particulares de pessoas pertencentes à alta sociedade teresinense e em seu roteiro de miss incluíam as viagens para outros Estados brasileiros.

A sociedade que, gradativamente, disponibilizava vagas no mercado de trabalho para a mulher era a mesma que a aplaudia nos concursos de beleza. A mulher era representada como o símbolo da beleza, elegância e simpatia. Os traços físicos femininos eram extremamente

destacados nesses concursos e na imprensa, isso talvez fizesse parte de um discurso biológico, pois embora algumas mulheres estivessem trabalhando e ocupando outros espaços na sociedade, continuava sendo valorizada a sua beleza, que de certa forma vinham associados a ideia de fragilidade. Os jornais ao divulgarem esses concursos repassavam para o leitor a imagem da mulher bela e delicada, resultado de sua constituição biológica.

Percebe-se com esses concursos a pluralidade de interesses femininos, pois ao mesmo tempo em que lutavam por espaços de trabalho, também estavam inseridas em esferas que (re)modelavam os espaços de atuação das mulheres como os concursos de beleza. Enfim, na década de 1950, havia mulheres que de diversas maneiras buscavam ingressar no mercado de trabalho, porém, havia outras mulheres que se interessavam pelos concursos de beleza. Concursos estes promovidos por homens que desejavam, com esses eventos, exaltar a beleza feminina, mas também direcionar a atuação feminina no espaço público.

Esses concursos esqueciam a capacidade intelectual e a competência profissional da mulher para louvarem a sua beleza. Tais eventos reforçavam, com outra roupagem, os discursos biológicos de diferenciação das mulheres e delimitação de seus espaços de atuação. Por outro lado, a grande participação de mulheres nesse tipo de evento representava a procura por espaços na sociedade, o público feminino buscava visibilidade e de certa forma isso era alcançado por elas nos concursos de beleza.

As mulheres aos poucos ocupavam outros espaços na sociedade e rompiam gradativamente com a oposição binária masculino versus feminino, oposição esta rejeitada nos estudos de gênero. Como afirma Matos (1997) uma das preocupações dos estudos de gênero reside em evitar as oposições binárias fixas e naturalizadas, procurando mostrar que o comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, sendo eles construídos socialmente, culturalmente e historicamente em tempos, espaços e culturas determinadas.

Com os estudos de gênero, percebe-se que ser mulher e ser homem são construções sociais e históricas e não biológicas. O desafio da categoria gênero é superar o determinismo biológico que tanto influencia nos comportamentos femininos e masculinos como fornece explicações superficiais.

Trabalhar, participar das festividades na cidade, seguir os ditames da moda, conduzir carros estavam entre os elementos da nova cultura feminina, havia quem não admirasse e criticasse a mulher ao volante. Porém, não podemos aqui generalizar, a sociedade teresinense vivia na década de 1950, paralelamente com modelos femininos, encontrava-se em Teresina,

mulheres que dedicavam a sua vida a cuidar da casa, dos filhos e do marido e outras que buscavam uma conciliação entre os papéis tradicionais e as novas possibilidades de vivenciar o cotidiano. A imprensa retratava a mulher ora como meiga, graciosa, prendada e outras vezes como a competente profissional, o brotinho das festas.

As mulheres eram múltiplas em seus comportamentos, o modelo tradicional e o moderno viviam em um constante diálogo. A nossa intenção nesse presente artigo, não foi liderar uma discussão em favor de um único modelo, o antigo ou o moderno, mas mostrar que as mulheres, além de dedicarem as funções sociais de esposa, mãe e dona-de-casa, assumiam outros papéis e comportamentos. Conforme salienta Matos (2005, p. 112), “[...] não há uma feminilidade única, um modelo feminino universal, válido para todos os tempos e lugares. A feminilidade difere segundo época, cultura, classe social, etnia, geração, e portanto não é uma essência, mas uma representação [...]”.

Assim homens e mulheres não podem ser percebidos, de forma homogênea, singular e generalizada nos estudos históricos, mas como sujeitos plurais e com identidades múltiplas. Visto que,

[...] existem muitos gêneros, muitos ‘femininos’ e ‘masculinos’ e esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulher e homem não constituem simples aglomerados [...].

Sobrevém a preocupação em desfazer noções abstratas de ‘mulher’ e ‘homem’, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações. (MATOS, 2000, p.15)

A pesquisa nos mostrou outros perfis femininos existentes em Teresina. Perfis que incluíam o exercício de uma profissão e comportamentos que iam além do que prescrevia a norma nos Anos Dourados. Desejos e práticas que se tornaram possíveis em meio a uma sociedade dividida entre um modelo tradicional e um modelo moderno marcado, em grande parte, pela urbanização e modernização da sociedade teresinense.

Referências

1 - Fontes

- ANIVERSÁRIO. **Jornal do Piauí**, Teresina, 20 nov. 1958, p. 2.
- AOS NOIVOS. **O Dominical**, Teresina, ano 1, n. 36, 30 dez. 1951, p. 3.
- AS DEZ MAIS ELEGANTES DO PIAUÍ EM 1956. **Jornal do Piauí**, Teresina, 6 dez. 1956, p. 5.
- DIVÓRCIO E ROMANTISMO. **O Dia**, Teresina, 4 mar. 1956, p. 3.
- DOCUMENTO PRECIOSO SOBRE AS MODAS FEMININAS. **O Dominical**, Teresina, ano 20, n. 36, 1 jan. 1956, p.1.
- DR^a. IRACEMA CARDOSO. **Estado do Piauí**, Teresina, 11 out. 1959, p. 2.
- É PECADO NAMORAR? **O Dominical**, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3.
- ELEITA MISS PIAUÍ. **Jornal do Piauí**, Teresina, 24 maio 1956, p. 4.
- ESCOLA DE DIVÓRCIOS. **O Dominical**, Teresina, 30 jan. 1955, p. 2.
- FILHAS. **O Dominical**, Teresina, 19 nov. 1950, p. 3.
- MISS PIAUÍ. **Jornal do Piauí**, Teresina, 3 jun. 1956, P.8
- MODAS PAGÃS DOS NOSSOS DIAS. **O Dominical**, Teresina, 20 mar. 1955, p. 3.
- O DIVÓRCIO E A MULHER. **O Dominical**, Teresina, 13 mar. 1955, p. 3.
- O DIVÓRCIO E A ASSEMBLEIA. **O Dominical**, Teresina, ano 15, n. 36, 9 set. 1951, p. 1.
- O DEPUTADO ARRUDA CÂMARA ENUMERA AS RAZÕES PELAS QUAIS COMBATE O DIVÓRCIO. **O Dominical**, Teresina, 5 jul. 1960, p. 1.
- OS PRIMEIROS NAMOROS. **O Dia**, Teresina, 27 maio 1951, p. 2.
- RESPONSABILIDADE MORAL DA MULHER CRISTÃ. **O Dominical**, Teresina, 4 dez. 1955, p. 2.
- SENHORITA MARIA IRIS. **Jornal do Comércio**, Teresina, 27 set. 1953, p. 2.

2 - Bibliografia

- AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607 – 639.
- GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres: o século XIX**. Porto/ São Paulo: Afrontamento/ EBRADIL, 1994. p. 199-237.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru: EDUSC, 2000.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 101.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). **Gênero em debate: trajetória e perspectiva na Historiografia Contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 84-111.

Recebido em: 04 de novembro de 2015.

Aprovado: 09 de março de 2016.